

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

## Semana do Ultramar REFLECTIR...

À semelhança do que nos anos anteriores se tem feito, vai igualmente este ano a Sociedade de Geografia realizar com o devido brilhantismo mais uma «Semana do Ultramar». É uma iniciativa altamente patriótica pois os fins que se propõe atingir merecem a justa admiração de todos quantos compreendem o verdadeiro sentido moral e social das realizações deste género.

Portugal não é apenas este pedacinho de terra a que um poeta inspirado chamou «jardim da Europa à beira-mar plantado» e se é certo que todos sabem sermos senhores de muitas outras terras para além do mar, é certo igualmente que poucos o sentem, pois, para a maioria, essas províncias distantes muito vagamente lhes parecem Portugal.

...Imaginam-se terras selvagens, com um clima inóspito e habitadas quase pouco mais do que por pretos selvagens e variados animais ferozes. Supõe-se, muitas vezes também, que esses vastos territórios foram facilmente ganhos para a Coroa de Portugal, que foram quase uma dádiva generosa de Deus aos nossos marinheiros destemidos que, em frágeis caravelas, percorreram, com audácia, os mares, em busca de novas terras onde erguiam a Cruz da nossa Fé.

Quantas histórias trágicas, quantas lendas tristes, quantos exemplos sublimes de heroísmo, de desprezo pela vida para se conseguir um Portugal Maior...

A raça lusíada não cabia nos acanhados limites de Portugal Continental. Os portugueses doutros não podiam estar ociosos, e a vida sedentária e calma era uma afronta; ara aqueles valentes que, desde 1385,

mais alto levantaram os nossos pendões nas torres dos castelos, que o rei de Espanha ambicionara...

Depois que a nossa independência estava definitivamente assegurada, uma ambição grande domina os mais altos espíritos da época: — Dilatar a Fé e o Império...

...Seguem as naus lusíadas pelos mares desconhecidos, levando nas velas estampada a Cruz de Cristo e nas almas dos marujos o propósito firme de novas terras dar a Deus e à Pátria...

E Portugal vai alargando os seus limites pelos cinco continentes, levando aos povos mais selvagens as primeiras luzes da civilização cristã...

As terras ultramarinas que hoje possuímos foram conquistadas com o sangue dos nossos guerreiros. Os nossos missionários as civilizaram; os nossos exploradores as reconheceram, e foi o trabalho dos portugueses que as tornou férteis; foi a inteligência dos portugueses e o seu espírito altruísta que as desenvolveu.

Hoje, nessas províncias de além mar, há cidades magníficas, portos bem apetrechados, vilas, aldeias, aglomera-

(Continua na página 2)

É sempre oportuno trazer à luz da publicidade elementos que o tempo parece ter afastado do quotidiano dos nossos passados... Reflectir... eis um tema banal que, por ser assim tão simples, se torna difícil estruturá-lo de molde a não elevar conceitos, já por si elevados, da lógica humaníssima dos poderes vitais, materiais e morais do homem.

Perdemos-nos, quantas vezes, na abstracção pueril de afirmações ocas, destituídas de senso e incoerentes. E porquê?... Porque falamos sem controle, demasiadamente apaixonados, sem admitirmos, por princípio, uma oposição, uma contradição; enfim... falamos com prazer de nos ouvirmos a nós mesmos e não temos sequer a preocupação de, mentalmente, formularmos esta pergunta a nós: Estou ou não à altura de focar este ou aquele assunto? Poderei manter-me com equilíbrio de exposição ou sucumbirei no labirinto da ignorância...

Falseamos a verdade, adramos a inexactidão, porque não queremos ou já não podemos reflectir...

E assim vamos passando o tempo na hipótese ignóbil de

querer iludir os outros quando sabemos já que o tempo, e só este, é um dos meios mais convincentes de nos mostrar a nossa infantil ignorância, pon-do a nú a nossa ilusão.

Fazemos ouvidos de mercador porque somos egoístas; mas dum egoísmo pernicioso... somos egoístas até mesmo da própria ignorância e da própria insensatez...

O tempo, e só este, nos ensinará, ao longo da estrada da vida, que a nossa passagem pela terra é relativamente insignificante perante a Eternidade.

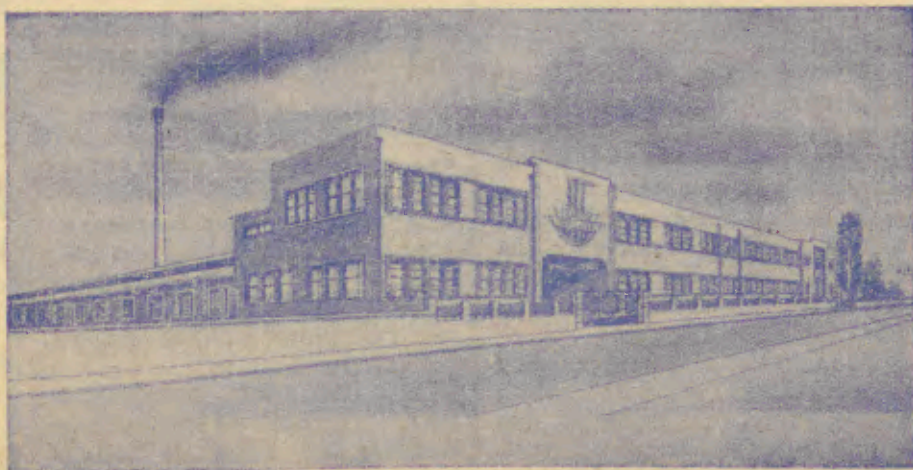
A nossa vida, pequena passagem no cosmos que se agita, vive deturpada, torcida, qual farrapo batido pelo vento e pelo pó.

A nossa razão insensata e irreflectida sente-se feliz quando a lisonja faz vénias, quando nos envolve com os vapores petulantes da adulação.

O mundo dos homens gosta da lisonja e nela, quantas vezes, escorreça.

Grandes, poderosos e humildes adoram subsistentemente a lisonja... e adoram-na porque o intelecto não reflecte e torna-se imanente dela. Mas, afinal, todos nós deveríamos escorraçar a lisonja como se escorraça o cão raivoso e, contudo, sem nos acautelarmos vamos tropeçando nela a cada passo... Se pensássemos bem, todos nós, deveríamos banir, a pouco e pouco o lisonjeiro do mundo do nosso convívio...

Talvez que assim os homens senhores soubessem calcular melhor que o veneno dos aduladores é sempre mais mortífero e mais refinado do que a verdade daqueles que vivem encarando a luz da vida frente a frente, com a consciência dum beleza interior, bem traduzível entre o equilíbrio do espírito que os ani-



FÁBRICA DE MALHAS «TEBE»

## Rumores de Guerra

*A lava já desfeita dum tormento,  
Imensa mesmo assim e transparente,  
Reviverá em mim perpétuamente,  
Perfis de dor na dor dum pensamento.*

*Lava de sonhos tristes, que mantenho  
Na lembrança do tempo que se esvai,  
Neste perfil de sombras que me cai,  
Ao longo dum caminho que não tenho.*

*E agora, que este mundo é um vulcão,  
Ao lado dos meus passos descontentes,  
Passam rumores de guerra incandescentes,  
Em levas de canhões e de traição.*

*A guerra—o pesadelo—a matança.  
É força de mil fados, de receios,  
Na zona limitada dos anseios  
Dos meus passos dolentes de criança.*

Barcelos, 1951

ANTÓNIO BAPTISTA

### Balancete do Diário-Razão — 1.º Trimestre do "BOLETIM SOCIAL DA TEBE"

CONTAS	DEVE	HAVER	SALDOS	
			DEVENDOR	CREADOR
CAIXA . . . . .	2.266\$40	567\$10	1.699\$30	\$
Auxílio da Tebe . . . . .	\$	600\$00	\$	600\$00
Despesas Gerais . . . . .	159\$30	\$	159\$30	\$
Impressos . . . . .	190\$00	\$	190\$00	\$
Publicidade . . . . .	\$	756\$30	\$	756\$30
B. N. U. c/ Caução . . . . .	4.000\$00	\$	4.000\$00	\$
Assinaturas/P. . . . .	34\$30	2.301\$60	\$	2.267\$30
Foto e Zincografuras . . . . .	22\$50	\$	22\$50	\$
Utensílios Esc. . . . .	30\$00	\$	30\$00	\$
Conta C./P. . . . .	\$	4.000\$00	\$	4.000\$00
Impressão Parcial . . . . .	1.522\$50	\$	1.522\$50	\$
	8.225\$00	8.225\$00	7.623\$60	7.623\$60

O Guarda-Livros

A. B.

ma e da matéria que os mantém. Precisamos, portanto, de reflectir mais e melhor. O mundo caminha na vertigem do delírio... e o homem, escravo dum materialismo que o segregava e esmaga, tem de pensar para agir e tem de agir para sobreviver.

A vida foi sempre feita de lutas e renúncias, esperanças e descrenças, promessas e desilusões...

Contudo, o homem, amparado em crenças, que o erguem acima do nível rasteiro do pó, vai caminhando em frente, aceitando a ideia da imortalidade da alma e, portanto, da sua eternidade...

O homem com os seus desejos, com as suas lutas, com as ciladas e traições que o cercam e com a esperança que lhe transborda da alma, tem de seguir pela linha recta da moral e da justiça e não pode, em consciência reflectida, desviar-se voluntariamente dela com receio de se atraiçoar...

O homem tem ainda a liberdade de reflectir, podendo, portanto, realizar-se com a sua perpetuidade, quer contraindo o sagrado sacramento do matrimónio, quer ainda erguendo o seu nome em trabalhos de projecção universal, como, por exemplo, escrevendo algo de interesse colectivo, descobrindo algo de interesse comum.

É reflectindo, reflectindo muito, que o homem se perpetua através do espaço e do tempo...

Mas quando o homem já não tem forças para reflectir e se entrega ao abandono da razão e se torna escravo de agentes que o deturpam, tornando-o só matéria, cai na letargia, no abandono, na indolência e, sem querer, sem reflectir... caminha para o silêncio e para a morte...

Mas se reflectir um pouco e se se entregar a Deus, Senhor Todo Poderoso, pode ser que ainda Nele encontre a eternidade que o elevará acima da natureza sensível.

## SER HOMEM

UM dia, na velha Grécia um sábio filósofo, na hora em que o Sol inundava de luz o lindo céu azul-claro da terra mediterrânica, andava, com uma lanterna acesa, pelas ruas da cidade... Admirados, perguntavam-lhe os seus conterrâneos o que procurava e, o Sábio filósofo, a todos respondia: — um Homem.

Séculos e séculos se passaram e se ao pobre filósofo fosse dado viver ainda, decerto que, para encontrar um Homem nos nossos tempos, mesmo de dia, ainda a lanterna não seria suficiente também... Infelizmente assim é, pois para o Sábio, para o homem justo, a craveira pela qual aquilata as qualidades morais dos seus contemporâneos é uma medida tão rigorosa que raramente surgem aqueles a que ela se ajuste perfeitamente.

Ser um Homem é ter uma consciência recta e justa capaz de condenar com a mesma severidade as faltas dos outros e as de nós próprios; ser um Homem não é ter boas intenções mas sim boas acções; ser um Homem é andar de cabeça erguida pelo caminho recto do Dever, em vez de seguir pelas vielas tortuosas da hipocrisia, da mentira, da desonra; ser um Homem é compreender que temos uma missão a cumprir na sociedade, pois dela

fazemos parte integrante; ser um Homem é ter uma personalidade forte, vincada, distinta de todos os mais; ser um Homem é conhecer-se cada um a si mesmo com verdade; é cada um ter a noção exacta dos seus defeitos e das suas qualidades; ser um Homem é realmente ter a coragem de saber a tèmpera da sua própria alma. Este exame porém é o mais difícil, pois raros são capazes de se julgarem a si mesmos, porque para as suas próprias faltas a consciência fala-lhes mais baixinho, e eles, os pobres, julgam que por mais ninguém é ouvida. Nem compreendem sequer, que é com os próprios gestos ou palavras dúbias que se comprometem...

Que todos nós temos defeitos é uma verdade incontestável, mas o que é realmente desolador é que os nossos olhos saibam apenas vê-los nos outros; o que é lamentável é que os nossos olhos se não possam fechar uns minutos por dia, para conseguirem ver o que vai lá por dentro, nas consciências, nesse emaranhado de sentimentos, de desejos, de ambições desmedidas e de revoltas.

Para ser um Homem é preciso que cada se conheça intimamente para, por esforço da sua vontade, fazer diminuir os defeitos e desenvolver as virtudes...

### Wal de Rio

A este nosso querido colaborador pedimos desculpa por não publicarmos neste número o artigo «Primavera». A razão foi motivada pela entrega tardia do original.

### CINEMA

Silvana Mangano, recebeu, dos seus admiradores da Holanda, um prato de cerâmica de Delft pela sua maravilhosa actuação no filme «Ana».

No fundo do prato oferecido à artista está reproduzido a auto-retrato do grande artista Rembrandt.

### Semana do Ultramar

(Continuação da página 1)

dos populacionais onde se trabalha activamente numa colaboração amigável entre os brancos e os negros.

A «Semana do Ultramar» devia ser vivida com entusiasmo por todos os portugueses, para melhor conhecerem a sua Pátria tão cheia de recantos belos, tão cheia de lugares históricos, tão cheia de lendas ternas e místicas, tão cheia de tradições nobres...

### Retratos em malha «TEBE»

Por ocasião da festa da Inauguração do Monumento ao Bombeiro Voluntário nesta cidade, o Sr. Eduardo António fez expôr dois quadros na montra do nosso particular amigo e assinante Sr. Artur Basto. Ora como se tratou de quadros feitos com malha, estes mereceram do público certo interesse, o que é natural. Os quadros apresentados eram dois, um representando o nosso sócio-gerente Senhor Mário Campos Henriques e o outro o nosso querido colaborador D. Juan Mas Esquíus.

Como durante o período das festas, a que acima nos referimos, não tivemos ocasião de apreciar esses trabalhos limitamo-nos a dar estes informes que nos forneceram pessoas amigas.

### Nunca lhe aconteceu?

- III Ir pagar uma conta e ser obrigado a desistir por ter deixado ficar a carteira em casa?
- III Bater nas costas dum desconhecido muito convencido que o conhece?



## Fernando Pessoa

e o seu mundo heterónimo

### Breves considerações

JÁ há muitos anos que nutro por Fernando Pessoa — para mim um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos — um desmedido respeito, quer pelo seu valor poético, quer pelo seu génio, quer ainda e principalmente pelo seu grande poder de subdivisão.

Não conheço poeta algum, na acepção lata do termo, que se ultrapassasse a si mesmo a não ser o imortal F. Pessoa.

Contudo, Fernando Pessoa, multiplicou-se e dividiu-se em «Alberto Caeiro», «Alvaro de Campos» e «Ricardo Reis».

O curioso deste feixe de heterónimos é que, cada um de per si, representa individualmente um poeta com características inconfundíveis, com lutas, renúncias, libertações, etc., etc., diferentes do Fernando Pessoa ele-mesmo.

Este grande Poeta sofreu, tal e qual como quase todos os poetas, a incompreensão, o desrespeito, a maldade e o ódio da turba.

Porém, Fernando Pessoa, focando e gizando problemas em que as asserções do espírito, muitas vezes, se contradizem, não deixa contudo de as manifestar assim, tal e qual, com intenção pre-concebida e tanto assim é, que bastará pousar os olhos nas cartas por ele escritas, algumas das quais impressas na obra «Páginas de Doutrina Estética» para se aquilatar da razão das minhas afirmações...

A reforçar estas considerações desprezíveis vamos transcrever a «Tábua bibliográfica de Fernando Pessoa».

«As obras heterónimas de Fernando Pessoa são feitas por, até agora, três nomes de gente — Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Alvaro de Campos. Estas individualidades devem ser consideradas como distintas da do autor delas. Forma cada uma, uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama.

É um drama em gente, em vez de em actos».

Fernando Pessoa, escrevendo com o heterónimo de Alvaro de Campos mostra-se profundamente romântico, diferente por certo do seu progenitor.

Contudo, Alvaro de Campos, não existiu realmente.

Perguntarão aqueles que têm uma ausência do conhecimento deste personagem criado por Fernando Pessoa: quem era então Alvaro de Campos?

A resposta poderia ser ambígua, dentro dum facciosismo intencional; mas não! A resposta só poderá ser uma para se aproximar da verdade:

Alvaro de Campos não foi senão um prolongamento do Fernando Pessoa num

## O Menino de sua Mãe

*No plaino abandonado  
Que a morna brisa aquece,  
De balas traspassado,  
— Duas, de lado a lado —  
Jaz morto e arrefece.*

*Raia-lhe a farda o sangue,  
De braços estendidos,  
Alvo, louro, exangue,  
— Fita com olhar lângue  
E cego os céus perdidos.*

*Tão jovem! Que jovem eral  
(Agora que idade tem?)  
Filho único, a mãe lhe dera  
Um nome e o mantivera:  
«O menino da sua mãe».*

*Caiu-lhe da algibeira  
A cigareira breve.  
Dera-lhe a mãe. Está inteira  
E boa a cigareira.  
Ele é que já não serve.*

*De outra algibeira, alada  
Ponta a roçar o solo,  
A brancura embainhada  
De um lenço... deu-lho a criada  
Velha que o trouxe ao colo.*

*Lá longe, em casa, há a prece:  
«Que volte cedo, e bem!»  
— Malhas que o império tece!  
Jaz morto e apodrece  
O menino da sua mãe.*

FERNANDO PESSOA

estado de alma evidentemente sujeito às relações de conformidade adentro da ambiência poética que o mystifica. E é sobre esta beleza que ele estabelece uma interligação que o vai pôr em contacto com o que lhe parece aceitável, como verdadeiro, no mundo onde o sentir e o acreditar lhe mostram vestígios de que alguma coisa pode ser legítima adentro do próprio amor influenciado pela alma e pelos sentidos do seu mundo histero-neurasténico.

### Alvaro de Campos, «sensacionista»

Vimo-nos referindo ao Alvaro de Campos embrionário para entrarmos propriamente no Alvaro de Campos «sensacionista».

Fizemos algumas considerações defendendo o mundo dos heterónimos para, de seguida, o condenarmos.

O fingimento poético é uma hecatombe de impotência num caminhar desacertado na personalidade viva da razão emotiva?...

Se Pessoa brilhou como génio criador, escorrega, por vezes, nas mystificações de personalidade.

(Continua na página 5)

## A Propósito do Neo-Realismo

Por Costa Campos  
(Do Mundo Literário)

PROPOSITADAMENTE OU não, tem-se feito muita confusão à volta daquilo a que se chamou neo-realismo.

Definem-no das maneiras mais discutíveis, atribuem-se-lhe de conta própria afirmações que nunca pretendeu, dão-se-lhe como principais representantes, e tenho em vista a afirmação de um crítico português muito conhecido, escritores que não estão, de modo algum, dentro do que se pode chamar espírito neo-realismo. Alguns vão até ao ponto de afirmarem que o neo-realismo não é uma escola literária, que não passa de uma corrente política.

Se considerarmos, realmente, que qualquer obra literária é escrita por um homem vivendo numa determinada sociedade, tendo sobre ela opiniões próprias, um modo político de encará-la, e que isso reflectirá forçosamente na obra que criar, temos de concordar que o neo-realismo é uma corrente política, na medida em que dele se possa deprender o modo do autor encarar a vida, mas temos que considerar também necessariamente como correntes políticas todas as escolas literárias aparecidas até agora, e não poderemos compreender mesmo que numa sociedade dividida entre interesses opostos possa produzir uma obra absolutamente desinteressada, que não manifeste de qualquer maneira a simpatia do autor por tal ou tal sistema de vida, por tal ou tal modo de concebê-la e de pretendê-la.

Aquilo que se poderia pretender como obra absolutamente desinteressada, pura, não é mais que uma maneira hábil, velada, inconsciente, de tomar atitude, de se exprimir os seus sentimentos e desejos em relação à própria sociedade em que se vive.

Quando, por exemplo, um escritor se desinteressa da realidade exterior e limita o seu interesse à sua vida interior, não faz mais que fugir a uma realidade que o assusta pelas possibilidades que nela presente. É claro que esta atitude é favorável aos que desejam a manutenção dessa realidade, que dela se aproveitam, mas, e insisto nisto, a maior parte das vezes pode não existir no autor dessas obras um propósito deliberado de servir tais ou tais fins.

Convém também lembrar que, por vezes, o escritor quando cria esquece o homem com as suas inclinações e desejos, se liberta dos seus próprios ideais políticos para mostrar a realidade como os seus olhos de artista a vêem, independentemente da sua concepção particular do mundo, embora tal facto seja raro.

É conhecido o caso de Balzac, monárquico convicto, pintando cruelmente os aristocratas agarrados ao século XVIII, desprezando o governo monárquico da sua época, pondo a nú todas as contradições do tempo, servindo admiravelmente o realismo, e, mais modernamente o de Fran-

## Os nossos Amigos

A juntar à lista das firmas que tão gentilmente se têm dignado contribuir com valiosos auxílios para o nosso modesto Clube ajudando-nos, assim, a realizar, embora lentamente, as nossas mais justas aspirações, temos o prazer de enumerar hoje mais as seguintes:

**Carlos Cardoso** — Grande armazenista de anilinas e produtos químicos de reputadas marcas, de entre as quais nos permitimos destacar a célebre GEIGY, da Suíça, teve a gentileza de nos remeter a quantia de mil e quinhentos escudos, pelo que nos confessamos imensamente gratos.

**Delfim & Almeida, Lda.** — Representante de uma das maiores e melhores fábricas suíças de Rendas e Laizes, fornecedora da TEBE, que também que o seu nome ficasse registado nesta coluna, enviando-nos a quantia de mil e duzentos escudos. Para o s/ Dig.<sup>mo</sup> Sócio e Snr. Delfim os nossos sinceros agradecimentos.

Para este número limitamo-nos apenas a estes dois bons Amigos, mas para o próximo a lista aumentará.

A todos um sincero muito obrigado.

A Direcção

çois Mauriac, defensor acérrimo da família burguesa e descrevendo-a com as cores mais sombrias nos seus romances.

Observemos agora o seguinte caso: dois romancistas animados de ideais diferentes, concepção do mundo diverso, debruçam-se sobre uma mesma realidade, a sociedade em que vivem, e pretendem representá-la na sua obra.

Mas enquanto um deles a embeleza, escondendo tudo o que de mau nela possa haver, procura dar com inexistentes os conflitos que nela se debatem, não procura as verdadeiras causas para as reacções dos seus personagens e se contenta com uma aparência delas, e o outro se preocupa em dá-la em toda a sua complexidade, aponta-lhe todos os antagonismos, procura as verdadeiras causas para as reacções dos seus personagens, perguntamos: porque se há-de dizer que uma é mais ou menos política que a outra, que uma é desinteressada, apolítica, e a outra não passa de uma corrente política? E a posição do crítico ao dar uma como política e a outra como não política, não será também necessariamente uma posição política?

Parece-nos chegado o momento de, por nossa própria conta e risco, dizer o que entendemos por neo-realismo.

Mas antes pretendemos dizer qualquer coisa que ajudará a melhor nos explicarmos.

Até hoje o mundo tem sido espectáculo de lutas, de interesses opondo-se ferozmente, de opressão, de exploração desenfreada de uns pelos outros, de imperfeição e de injustiça, de tal modo que todos os homens animados do menor espírito de justiça se têm negado a aceitá-lo como ele se lhes apresenta, têm procurado melhorá-lo, lutando por todos os modos para conseguí-lo. Nos tempos actuais esses males, as contradições inerentes

ao sistema em que vivemos, têm-se agravado a tal ponto que temos de considerar a época que atravessamos como uma época de crise.

É natural que os artistas dotados de uma sensibilidade mais fina que os outros homens, o ressintam de uma maneira mais aguda e que isso influencia mais ou menos pronunciadamente a sua obra.

É bom lembrar que o pessimismo foi o valor fundamental do surrealismo e que quase todas as escolas artísticas e literárias aparecidas entre as duas guerras enfermam dum desespero agudo.

Esta será uma das maneiras de encarar o mundo actual: fundamentalmente pessimista olhando-o como o fim de tudo, impossível de se superar, e vendo o homem um ser grosseiro, imoral, incapaz de renovação e de aperfeiçoamento, como irremediavelmente perdido.

Mas pode-se também para esse mesmo mundo como qualquer coisa de inevitável, mas possível de ultrapassagem, com a certeza de que a intensificação das contradições que lhe são inerentes servirá para apressar o próprio desaparecimento dessas contradições, e para o homem como renovável, capaz de melhoramento, com confiança absoluta nas suas possibilidades.

Os que encaram o mundo da primeira maneira são revoltados impotentes, agónicos, cépticos, mascarando muitas vezes de cinismo o seu próprio sofrimento.

Os que o encaram da segunda maneira, são os neo-realistas, são os cantores do mundo futuro, de um mundo futuro superior a todos os que o antecederam, liberto de tudo aquilo que limitava, que deformava o homem, que o impedia de desenvolver-se completamente, de libertar-se cada vez mais do animal que ainda reside nele, de o tornar cada vez mais humano.

(Continua no próximo número)

## Festa da FIL

NUM ambiente de franca e leal camaradagem, o pessoal da FIL consagrou o dia 14 de Abril — aniversário natalício do Snr. Architecto Gaspar de Sousa Coutinho — numa homenagem que, pela sua grandeza e projecção, não poderá, certamente, perder-se no olvido.

A beleza da festa, segundo nos informaram, ultrapassou todas as expectativas, num ambiente de respeito e, ao mesmo tempo, de franca alegria.

Após a missa, pelo Snr. Architecto Gaspar de Sousa Coutinho, o pessoal seguiu para um dos amplos e moderníssimos salões da FIL e, aí, entoando a sua marcha, ergueu a voz e a alma, numa beleza gritante, que perdurará, possivelmente, nos ouvidos e nos olhos de todos quantos a ela assistiram.

Seguidamente usou da palavra o Sr. Pinto Vieira que teceu rasgados elogios ao Snr. Architecto Sousa Coutinho, pedindo ao filhinho deste senhor o favor de descerrar a fotografia daquele que ficará para sempre, perpetuado no tempo, a assinalar a boa união de todos os que trabalham na FIL. Findo o discurso, o Snr. Pinto Vieira foi muito cumprimentado.

Logo depois, seguindo a série de discursos, usaram da palavra mais os seguintes senhores: Ferreira (mestre da Fiação da FIL) que, com sinceridade, galvanizou todos os presentes; Dr. Ferreira Gomes e Padre Alberto (pastor da freguesia local), que foram muito aplaudidos.

Finalmente, a fechar a série de discursos, com bastante eloquência, falou o Snr. Cónego Dr. Joaquim Manuel Valente que, num improvisado fulgurante, deixou encantada toda a numerosa assistência. Todos os oradores foram muito felicitados.

Em representação da TEBE encontrava-se o Sr. Campos Henriques, gerente da Empresa que, num abraço, levou o abraço de todos nós ao Snr. Architecto Gaspar de Sousa Coutinho.

«BOLETIM SOCIAL DA TEBE» não quis, de modo algum, alhear-se a tão justa como significativa homenagem, pelo que mais uma vez felicita o Snr. Architecto Gaspar C. de Sousa Coutinho, fazendo votos para continuar a merecer de todos o mesmo preito de reconhecimento.

### Indicações úteis referentes a Maio

É o quinto mês do ano. Era o terceiro do calendário romano, antes da reforma de Júlio César e quinto no Juliano — Gregoriano.

Nos campos, pomares e hortas — Continuam as sementeiras dos diversos legumes e frutas, a enxofração e a sulfatagem com a calda bordaleza.

Jardins — Maio é verdadeiramente o mês das flores. As roseiras que forem podadas e adubadas convenientemente, que tiverem regas no calor e corte de botões antes destes se desenvolverem, devem produzir rosas lindíssimas.



Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho

# Fibras Têxtis

## Teoria e Técnica

Por D. Juan Mas Esquiús

I

VAMOS dar início a uns apontamentos com interesse imediato principalmente para os operários têxtis e, em forma bastante concisa, procurar-se-á que sejam suficientemente claros e de aplicação prática e directa em prol dum maior grau de cultura. Teremos o cuidado de seleccionar estes apontamentos de molde a serem acessíveis a todos os operários.

É conveniente fazer um projecto do que se pretende realizar. Analizaremos primeiro as primeiras e principais matérias têxtis, considerando como tais a *seda artificial*, a *seda natural*, o *algodão* e a *lã*, pois embora o linho, a borracha e o esparto, sejam utilizados na indústria têxtil, na comparação, com o uso e consumo das primeiras enunciadas podem-se considerar como raras.

Depois de analisarmos as ditas matérias principais como elementos, estudaremos a aplicação das mesmas nos diferentes sectores têxtis.

### Seda Artificial

A meados do século XVII já se fala na Inglaterra de um tecido artificial, muito parecido com a seda, continuando desde então os trabalhos e investigações, especialmente na segunda parte do passado século.

A primeira ocasião, que chamo pública atenção, a seda artificial foi no ano de 1889 exposta em Paris onde o Conde Chardonnet apresentou amostras desta matéria obtida a partir da nitrocelulose. No ano seguinte Chardonnet funda, na sua terra natal (Bejanzon) a primeira fábrica de seda artificial.

Desde esta data em diante os trabalhos, descobertas e patentes foram numerosas.

Perto do ano de 1900 é que começou a atingir um grande incremento industrial e comercial a exploração da seda. Contudo, depois da grande guerra (1914-1918) é que esta indústria (seda) atinge proporções fantásticas.

(Continua na 3.ª coluna)

## Boletim Cultural da FII

Debaixo da orientação de Alvaro Monteiro chegou-nos às mãos o "Boletim Cultural da Fil", que apreciamos.

Com colaboração inteligente, boas transcrições e óptima apresentação veio ocupar um lugar de relevo no sector social e cultural daquele bloco fabril. Pena é que o número único não possa alargar mais longe a sua continuidade.

Agradecemos as palavras amigas, fazendo votos para que "Boletim Cultural da Fil" continue a seguir pela senda da verdade. Gostosamente transcrevemos as palavras sinceras que nos testemunharam:

"Continuamos a receber o "Boletim Social da TEBE", que, desde o seu primeiro número, mostra sempre o mesmo sugestivo interesse. A valiosa colaboração que encerra, coloca-o num plano de justo valor, que muito nos apraz registar. Ao simpático colega apresentamos as nossas melhores saudações com votos sinceros das maiores prosperidades".

A Direcção do "Boletim Social da TEBE" faz ardentes votos para que o "Boletim da Fil" continue a erguer o facho das ideias sociais para bem dum Portugal Maior.

# Em Prol da Saúde

Caminhando para um mundo melhor

NÃO podemos deixar de focar nas nossas colunas o que significa a inclusão de dois médicos no quadro da Obra Social que, de há tempos a esta parte, a Tebe vem consolidando.



Dr.ª D. Maria Soledade V. Pinheiro

O que representa por si só a certeza duma verdade é a colaboração leal e certa de dois médicos que, de espíritos altos, encarando os problemas do mundo actual, saberão por certo atender às obrigações que o cargo lhes exige e saberão também, por inteligência e coração, atender e perdoar alguns dissabores, filhos da ignorância, que possivelmente possam sofrer... Acreditamos por isso que estarão à altura de atender os direitos, perdoar as injustiças, seguir o rumo da caridade e benevolência, dentro do reconhecimento da classe trabalhadora, que só surge depois.



Dr. José António Torres

O Pessoal da Tebe ficou satisfeito por ter ao seu lado e ao lado dos seus filhos dois médicos que, apoiados nos princípios da inteligência e da

# Fibras Têxtis

(Continuação da 1.ª coluna)

## Seda Artificial Chardonnet

Podemos dizer que esta seda tem um valor altamente histórico pois actualmente não se fabrica.

Hoje fabrica-se à base dos desperdícios de algodão tratados com lixívia de carbonato de soda em abulição e branqueados por cloreto de cal. Após esta operação, este algodão é nitrificado por intermédio duma mistura de ácido nítrico e sulfúrico, sofrendo determinada imersão, concentração e temperatura várias (segundo patentes). O produto resultante é a trinitrocelulose, que, depois de muito lavado, até se conseguir extrair os resíduos ácidos, é prensado a 45° com muita precaução, pois o algodão, neste estado, é quase algodão pólvora. Dissolve-se, a seguir, em alcool e éter, ficando um líquido viscoso chamado «colódio», o qual passa ao prensado e fiação.

(Continua no próximo número)

Este número foi visado pela Comissão de Censura

## Fernando Pessoa

(Continuação da página 3)

Confirmemos agora os conceitos por nós apresentados neste labirinto de pessoas, transcrevendo um retalho (pág. 285 — Vida e Obra de Fernando Pessoa de J. G. S.):

«Sensacionista, Alvaro de Campos era-o, de facto, mas antes pela «sensação» que esperava provocar que pelo culto de uma estética em que a sensação pura, a pura e bruta percepção de realidade — fossem o objectivo último. Aliás, quando Fernando Pessoa afirma que a «utilização da sensibilidade pela inteligência» se faz de três maneiras: um processo clássico, um processo romântico e um terceiro processo, que não classifica, chamando-lhe apenas «terceiro processo» — atribuindo a cada um dos seus heterónimos o emprego pessoal de um destes processos na utilização da sensibilidade pela inteligência, a Alvaro de Campos corresponde o segundo, o qual «consiste em dar a sensação individual tão nítida; ou vivamente, que ela seja aceite, não como causa inteligível; mas como causa sensível, pelo leitor, visor ou auditor».

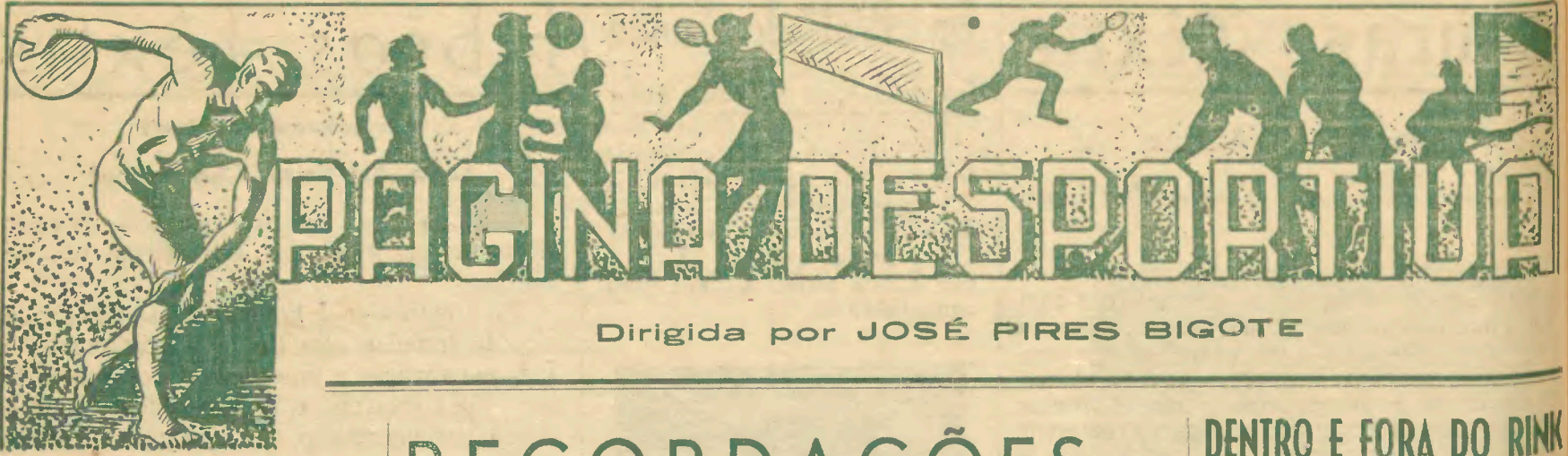
(Continuaremos nos próximos números)

educação, saberão trilhar o duro caminho que se chama: Servir.

Já Séneca afirmava num clima social bem longe do actual: Homo in adjutorium mutuum generatus est. Os homens foram criados para se ajudarem mutuamente.

Fazemos votos para que médicos e doentes estabeleçam um elo de entendimento mútuo adentro da caridade e justiça sociais...

Bem-vindos sejam.



## IDEIAS CLUBISTAS

**A** MAR um Clube, defender-lhe no campo da luta as cores com vontade, sacrificio e galhardia, eram atributos que noutros tempos possuíam os atletas, que acima de tudo prezavam o nome do grupo que defendiam. Recordam-se com saudade, aqueles que fundavam os Clubes, e, à sua custa os elevavam, quantas vezes com sacrificios financeiros que impunham a si próprios.

Esses eram verdadeiros atletas, que nos tempos de agora são casos raros.

Hoje defendem-se as cores do Clube que mais ganâncias der ao atleta. O desporto converteu-se num modo de vida rendoso, sem dúvida alguma, e onde todos aqueles que sentem uma natural e instintiva aversão pelo trabalho, encontraram um paraíso nunca sonhado. O jogador não vai para o campo na satisfação dum ideal ou na defesa de cores, que para ele deviam ser sagradas. Se faz um bom resultado isso deve-se apenas à miragem dum prémio chorudo que de longe o tenta. Transportou-se para o campo de jogo o espírito comercial, que a maior parte das vezes não assenta sobre bases muito honestas.

Os subornos tornaram-se imensamente fáceis pois estão dentro desse espírito. Bom será notar que como sempre, e em todos os campos, há excepções, mas o vírus vai-se estendendo já aos pequenos Clubes, e de tal forma, que o jogador dum Clube pequeno que tenha algum valor não sente pejo em afirmar que se as suas vontades não forem satisfeitas outro grupo lhe oferece melhores garantias financeiras.

Que apego e que vontade terá um atleta nestas condições de defender o seu grupo, se lhe falta a chama sagrada do ideal clubista, a mola real que impulsiona todos aqueles que se elevam acima dos seus adversários.

É triste mas é assim. O atleta degenerou e não foi ele o culpado. A culpa veio daqueles que se convenceram que o melhor meio de insuflar vontade é

## RECORDAÇÕES...

**A** volta de trinta anos o nosso melhor clube — o União Futebol Barcelense — onde pontificavam como os maiores «torcedores» António e Luís Veloso perdeu o campeonato de Braga em virtude da grande «isenção» que, nessa época, a entidade regional manifestava — o campeão «tinha» de ser o Sporting de Braga. A falange barcelense nunca deixou de comparecer aos desafios do «União» e muitas vezes os seus componentes proporcionaram tardes de intensa alegria quando grupos de real categoria tiveram de curvar a cerviz diante dos jogadores barcelenses.

A rivalidade entre Barcelos e Braga fomentou-se de tal forma, desportivamente, que os desafios despertavam interesse em toda a região minhota. Os organizadores da Festa da Senhora da Saúde, em Esposende, obtiveram o concurso dos dois clubes para um desafio de futebol que seria, dizia-se, o Campeonato do Minho.

E, no campo do Ritz, debaixo da arbitragem de Ivo Lemos (A. F. P.) o grupo barcelense alinhou com: Fernandes; António Araújo e Manuel Paula; Pedras, Oscar e Fritz; José Caseloro, Almor, Schemidt, João Vaz e Mirandinha. Quase no início do encontro Paula comete falta, metendo a mão à bola, dentro da grande area, ordenando, Ivo Lemos, a grande penalidade. O pontapé é executado pelo jogador Germano de Vasconcelos. Na assistência barcelense perpassa um catafrio logo substituído por prolongados aplausos em virtude de Fernandes ter defendido o pontapé de grande penalidade.

Animado com o insucesso dos bracarenses o grupo de Barcelos lançou-se deliberadamente ao ataque e durante alguns minutos o Sporting viu-se e desejou-se para conservar as suas redes sem serem tocadas. O domínio barcelense quebrou-se quando Pedras — médio esquerdo barcelense — teve um ataque dentro do terreno. Depois de reanimado o jogador de Barcelos tornou-se um «leão» e, num dos seus passes, a bola foi parar a Caseiro que aproveitando-se da sua excelente velocidade conseguiu bater Morais pela 1.ª vez. O entusiasmo da falange barcelense não se descreve. No recomeço do jogo o União assenhoreia-se da situação e Morais, Aragão, Germano, Manuel tem de multiplicar a sua acção para frustrar os intentos dos jogadores de Barcelos. Não evitam, porém, que o avançado-centro barcelense Schemidt alcance o 2.º tento numa jogada primorosa de Mirandinha, e, assim, consolidando a vitória barcelense. Depois do apito final o campo foi invadido pela falange barcelense que tributou aos jogadores desta Terra a maior apoteose que temos memória. Com a nossa idade 14/15 anos «furamos» por entre aquela massa de gente para ver o que se passava. E da nossa memória nunca mais se apagou a figura do saudoso Barcelense Joaquim Araújo, com as lágrimas correndo-lhe pela face abraçado ao seu filho António. O Joaquim Júlio de Sousa (O bilheteiro do Cinema) com uma grande bandeira que agitava, nervosamente, com o entusiasmo da vitória.

Os jogadores bracarenses que tinham partido de Braga, com foguetes regressaram, alguns ainda com a sua equipa vestida, tal a pressa de «fugir» ao ambiente rico de entusiasmo onde, pelas ruas daquela Vila, os jogadores passearam aos ombros aclamados como Campeões do Minho. E no Largo da Madalena — depois do falecido Júlio Carmona ter trazido, numa corrida de bicicleta, a notícia da nossa vitória, — uma multidão aguardava os jogadores e os seus acompanhantes. Torna-nos impossível «viver» um outro momento de entusiasmo, de são baírrismo e de esfusante alegria como aquele que assistimos há perto de 30 anos.

De Barcelos mobilizaram-se todos os meios de transporte vendo-se, pela estrada, a pé muitas centenas de entusiastas que, a Esposende, iam levar o seu incitamento aos jogadores do «União».

As medalhas comemorativas encontravam-se expostas na Ourivesaria onde se encontra, hoje, o edifício dos C. T. T.

João Maciel — «O Pim» — interior titular não alinhou neste encontro sendo substituído por João Vaz. Nessa época não existiam amos por não alinharem no 1.º grupo. Procurava-se fazer alinhar aqueles que podiam dar mais rendimento ou porque o seu temperamento era mais impulsivo. Entre João Vaz e João Maciel pode-se concretizar os dois sistemas: um rematador mas não se dando à luta, outro menos finalizador mas mais energico.

E, solicitados pela direcção do Boletim da «TEBE» — jornal de trabalhadores para trabalhadores — a escrever «qualquer coisa» sobre o Desporto recorremos às «Recordações» porque nesse tempo não existiam «Misters» nem «meniscos» mas em contra partida existia um acrisolado amor à camisola que se envergava defendendo-a com prestígio e sentindo, verdadeiramente, quando a vitória não sorria.

Que saudades nós temos daquele punhado de Barcelenses.

J. Ribeiro Novo

acenar-lhe com um maço de notas.

Triste sinal dos tempos. O espírito está moribundo, e hoje

em dia não se concebem sacrificios nem dispêndios de energia sem um fim material.

Pires Bigote

## DENTRO E FORA DO RINK

Barcelona à Vista...

**A** CABOU em alegria, — pelo menos para nós os adeptos do Hoquei — os dias de sofrimento em que se disputou a «Taça das Nações».

Na realidade nada melhor para a estreia dos jovens internacionais do que a conquista da «Taça das Nações» com 6 vitórias e 1 empate.

No entanto, o último jogo com a Espanha, deixou-nos a impressão que os Espanhois com a sua equipa antiga arrebatando um ponto a Portugal, quizeram atirar com poeira aos olhos de todos, para acobertar assim as suas possibilidades no próximo Campeonato do Mundo.

Entretanto, Sidónio Serpa vai continuar a manobrar os seus pupilos, colocando cada um no seu melhor lugar, e no momento próprio, bastará apenas correr o pano para se iniciar o espectáculo.

Até lá vamos continuando a dizer: Barcelona está à Vista...

A terminar estes breves apontamentos, apenas queremos lamentar, que a Comissão das Festas das Cruzes não acarinhasse a organização dum festival de Oquei em Patins, que afinal sendo um programa bem organizado, daria margem de lucro suficiente para cobrir as despesas de organização.

Apenas como lembrança...

— Que tal seria em Barcelos um Benfica — Paço d'Arcos?

Que o diga a Comissão das Festas no ano em que jogou em Barcelos o Paço d'Arcos.

Golpe Livre

## NOTICIÁRIO

Da Associação de Patinagem do Minho recebemos uma circular, que agradecemos e que com prazer resumimos, neste breve noticiário.

— Resultados dos jogos já realizados da Taça de Honra:

Académico,	0	—	T. O. C. Taipas,	5
C. D. da TEBE,	3	—	Famalicense,	5
T. O. Taipas,	10	—	C. D. da TEBE,	1
Famalicense,	2	—	V. Guimarães,	1
V. Guimarães,	2	—	T. O. Taipas,	4
C. D. da TEBE,	1	—	Académico,	6

— Cesário e Emanuel passaram para o Académico Basket Clube e Terroso e Lopes para o Vitória Sport Clube. Os 4 atletas pertenciam ao Sporting de Braga.

— Arantes, guarda-redes do Oquei Clube de Barcelos, foi transferido para o nosso Clube.

— Está aberta a inscrição para o Campeonato Regional.

# PAINEL PUBLICITÁRIO

ESTES ANÚNCIOS NÃO PODEM SER REPETIDOS NOUTRA QUALQUER PUBLICAÇÃO

## Sapataria Cunha

A Sapataria distinta que serve um público distinto a preços sem concorrência.

Calçar da **SAPATARIA CUNHA** é saber calçar... porque calçará bem.  
Em **BARCELOS** — no Largo da Calçada

## A Casa do Café,

*tem um sortido finíssimo e esmerado de especiarias e outros artigos congêneres.*

O café da **CASA DO CAFÉ** tem um paladar que fica.

É aromático e bom. Abençoado café.  
RUA D. ANTÓNIO BARROSO

# FIL

Um nome grande

a fiar

para um Portugal

maior

## Ourivesaria da Póvoa

Do bom gosto ninguém zomba... Oiro em casa é um tesouro... No «Alfredo Pinto Lomba» Troca o dinheiro por oiro.

As malhas **TEBE** são padrões de beleza.

Impõem-se pela riqueza dos seus produtos manufacturados e pela perfeição do seu corte.

**O acabamento não tem rival. Preferi-las é saber escolher.**

**SAMETIL** — *Um medicamento ao serviço da pele. Para eczemas.*

## Vilas Boas & Irmão, L.<sup>da</sup>

Uma casa moderna ao serviço da elegância e da moda

**Sempre padrões originais**

**PREÇOS CONVIDATIVOS — VENDE BARATO PARA VENDER MUITO**

Tem alfaiate privativo de corte impecável

Em **BARCELOS** (Em frente ao Banco N. Ultramarino)

## CASA CUNHA

DE

## Félix Luís da Cunha

Uma sapataria de gosto distinto ao serviço do bom gosto e comodidade.

Calçar da **Casa Cunha** é calçar bem

## Móveis Teles

**BARCELOS**

Uma casa de bons móveis, lindíssimos estilos, preços sem competência.

**Manuel da Costa Ferreira Teles**

**Avenida Dr. Oliveira Salazar**

Execução rápida e perfeita de qualquer género de trabalho  
**TIPOGRÁFICO**

# Tipografia Vitória

**RUA GOMES FREIRE, 48**

**TELEFONE 8428**

**BARCELOS**

## Fábrica Barcelense

DE

# João Duarte & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>

é a fábrica do bom gosto ao serviço dum Portugal maior

As peúgas desta casa têm um acabamento inconfundível

## Fábrica de Malhas do Ameal, L.<sup>da</sup>

As meias de **NYLON** e seda que a mulher distinta calça são exclusivo desta fábrica modelar

Bom gosto, distinção e esmerado acabamento são o atributo destas meias de grande duração

## TRATAR HUMANAMENTE O PESSOAL torna melhor e maior o rendimento do trabalho

Todo o encarregado que tem a responsabilidade da sua missão não pode nem deve ignorar que hoje o mundo vive a passos de gigante para a produtividade... Mas essa produtividade será tanto maior quanto maior for o entusiasmo, a alegria, da massa trabalhadora. Esta verdade é tão palpável que a Alemanha, ontem esmagada, vai hoje subindo numa escala assustadora de produção. E porquê? Porque as condições de trabalho impostas à classe trabalhadora são determinadas dentro dos princípios salutares do Cristianismo. O Operário produz quando se lhe paga para isso; mas produz mais e melhor quando se lhe paga e se lhe oferece boa disposição. Um encarregado, hoje mais do que ontem, não pode nem deve ser um carrasco; mas antes um guia, um cérebro superior que tudo oriente e tudo veja, dentro dos diversos sectores do mundo da produção.

Na Alemanha, os encarregados, quase todos suportando as agruras de ocupados, cumprem uma missão mais alta e mais próspera para a sua Pátria: ajudam a construir o futuro numa aliança de trabalho e respeito mútuos.

Um encarregado não deve evitar os cumprimentos dos seus colaboradores, mas antes, dar-lhes o exemplo, procedendo com educação e civismo para os seus subordinados. A psicologia, sector da filosofia que estuda a alma humana e suas faculdades, devia andar no cérebro de todos os que, por força do destino estão à frente dos aglomerados.

O encarregado deve inspirar confiança no seu empregado, ouvi-lo nos seus momentos de tristeza e de alegria, respeitando ou, com elevação, contrariando os seus intentos...

Todos estes pormenores contribuem para o aumento ou diminuição da produção...

Por outro lado, o encarregado, se o souber ser, tem de se interessar pelas condições de vida dos seus subordinados.

Não deve ralhar por tudo e por nada; mas só quando a verdade não ofereça dúvidas. Por outro lado, o encarregado tem, muitas vezes, de perdoar alguns passos em falso, dados na estrada

# P Á S C O A

*Filha: com tuas mãos débeis e puras  
Vai recobrir de flores, docemente,  
Os modestos degraus da nossa casa:  
Sobre as coisas inertes  
Passem de leve as pétalas e as folhas  
Como a fina carícia de uma asa.*

*Caíam do teu regaço pequenino  
O alecrim e as rosas  
E as florinhas modestas dos silvados  
Tão simples como tu e tão formosas.*

*Abre de par em par a nossa porta  
E traz a Primavera pela mão  
Com todo o seu perfume e seu rumor!  
Céu lavado de Abril,  
Voz de sinos cantando,  
E um pedaço do sol que anda beijando  
A terra em que nasceste, meu Amor!*

*Tu não sabes ainda a cor da vida  
Nem o travo dulcíssimo da prece!  
Mas, na aleluia clara do teu riso,  
Canta uma fonte pura de Virtude  
— A única oração que Deus conhece...*

*Logo, quando por sobre as tuas flores,  
Passar radiosa e nua  
A simbólica mancha de uma cruz,  
Junta ao clarão do sol que vem da rua  
O clarão dos teus olhos inocentes  
E implora para a Dor que vai no mundo  
A redenção e a bênção de Jesus.*

CARLOS FIGUEIREDO NUNES

## CURIOSIDADES

Talvez não saiba:

a) que a produção de «Hélio» pela fusão dos átomos de hidrogénio daria à humanidade energia bastante para 1 milhão de anos;

b) que «Amália Rodrigues» é a vedeta preferida pelos leitores da Flama;

c) que «Geologia» é a ciência que estuda a constituição da Terra e as modificações que vem sofrendo desde a sua origem;

d) que «Ana-Maria Pertlin» era mãe de Mozart;

e) que o livro «O Zero e o Infinito» foi escrito por Arthur Koestler, natral de Budapeste (n. em 1905);

f) que Francisco Liszt nasceu em 1811, em Reiding (Hungria).

g) que Platão, Aristóteles e Epicuro foram grandes filósofos n. A. C.;

h) que as palavras seguintes são do grande filósofo Bergram:

«Tudo na razão humana é concebido em termos de espaço. A geometria reduz as mais abstractas qualidades dos fenómenos cósmicos a pontos no espaço. Toda a qualidade é, assim, reduzida a uma quantidade numérica. A razão humana é como um metrónomo: conta as vibrações da realidade.

da vida. Todos somos pecadores; mas em todos nós existe a ânsia da perfeição e o desejo de podermos ser maiores e melhores.

O superior terá, portanto, de prestigiar os seus inferiores, pois estes serão incapazes hoje e sempre de maldizer ou atraiçoar um seu encarregado quando este é, na verdade, um bom encarregado.

O Problema da família não pode ser descurado... E então sim, caminharemos mais e melhor...

O trabalhador ama o seu próprio amor próprio e cortar-lho de repente é o mesmo que lhe dizer: Vai-te embora...

Este vai-te embora nem todos o podem seguir... Mas quantos deles o farão nos diversos sectores da produtividade colectiva...

Em síntese: O encarregado não pode roubar a alegria que Deus concedeu ao homem. E tanto esta verdade é hoje respeitada que o próprio Estado na defesa da pessoa humana vai criando os serões para trabalhadores, provando assim que ainda não esqueceu a razão de ser e os direitos duma classe que tem e deve ser respeitada...

## Jugos

O jugo que inserimos nesta página tem uma característica interessantíssima, pois o fabricante imprimiu-lhe uma originalidade que o distingue dos outros: enriqueceu com o emblema heráldico português...

Este jugo que inserimos não é verdadeiramente o tipo mais usado e fabricado no concelho... Não! E publicamos este por o acharmos deveras curioso pelas suas decorações, que lhe dão graça e beleza...

E tanto assim que, em muitas casas, já vimos estes jugos enceradinhos, com estiletos de metal amarelo, produzirem decorações fora do vulgar, quer utilizados como bengaleiros, quer ainda como fundos de prateleiras...

